

UMA VIDA COM SENTIDO

**MIROSLAV VOLF,
MATTHEW CROASMUN,
e RYAN McANNALLY-LINZ**

Tradução
Pedro Branco

 Planeta

Aos nossos estudantes da Vida Que Vale a Pena Viver, em Yale e não só: Este livro é dedicado a vós. Esperamos que seja um testemunho do que aprendemos juntos.

Aos nossos leitores: A vossa vida vale a pena ser vivida. Esperamos que este livro vos ajude a apreciar mais profundamente o valor da nossa humanidade partilhada.

Índice

Introdução: Este livro pode arruinar a sua vida	11
Parte 1: Mergulhando	33
UM O que vale a pena querer?	35
DOIS De onde começamos?	48
Parte 2: As profundezas	63
TRÊS A quem é que respondemos?	65
QUATRO Qual é a sensação de uma vida boa?	78
CINCO O que devemos esperar?	90
SEIS Como devemos viver?	104
Parte 3: O leito rochoso	127
SETE O teste da receita	129
OITO O quadro realmente geral	149
Parte 4: Enfrentando os limites	171
NOVE Quando (inevitavelmente) fazemos asneira	173
DEZ Quando a vida dói... ..	190
ONZE ... E não há como consertar	204
DOZE Quando acaba	221

Parte 5: De volta à superfície	237
TREZE Acontece que temos algum trabalho a fazer	239
CATORZE A mudança é difícil	252
QUINZE Fazendo com que se mantenha.	269
 Epílogo: O que realmente importa.	 289
Agradecimentos	293
Notas	299

Introdução

Este livro pode arruinar a sua vida

Antes de se tornar Buda, a vida de Siddharta Gautama corria bastante bem, segundo os padrões habituais. Afinal, ele era um príncipe e desfrutava dos luxos e privilégios da realeza. Vivia num palácio opulento, comia iguarias, vestia-se com roupas finas. O seu pai cuidava dele e estava a prepará-lo para governar o reino. Tinha-se casado com uma princesa. Estavam à espera do primeiro filho.

A riqueza, o poder e a felicidade familiar eram dele. Todos os dias, ele saboreava o fruto da boa vida. Até que tudo se transformou numa enorme desilusão.

Um dia, enquanto passeava pelo parque real, Siddharta viu um velho debilitado e ficou impressionado com a trágica decadência da idade. No dia seguinte, no mesmo parque, encontrou um homem doente. E, no dia seguinte, um cadáver em decomposição. Completamente abalado pelo sofrimento que parecia impregnar a existência, regressou mais uma vez ao parque, no dia do nascimento do seu filho. Desta vez, encontrou um monge errante e foi tomado pelo impulso de renunciar à sua vida de realeza.

Nessa mesma noite, Siddharta deixou tudo para procurar uma revelação. Não parou para se despedir da mulher e do filho recém-nascido, com medo de que a coragem lhe falhasse. A sua vida era agora uma busca. Ele tinha visto a verdade do sofrimento e não pararia de procurar até encontrar a maneira de o superar. Começou a jejuar

e a disciplinar o seu corpo, tentando obter a libertação através do esforço espiritual. Tudo em vão. Por isso, procurou noutro lugar.

Vários anos depois de sair de casa, Siddharta sentou-se imóvel ao pé de uma figueira. Durante sete semanas meditou, até que finalmente chegou à conclusão que procurava: o sofrimento provém do desejo, pelo que aquele que se libertar do desejo libertar-se-á do sofrimento. Dedicou o resto da sua vida a transmitir esse conhecimento, entregando o presente da revelação a qualquer um que o recebesse. Quase dois mil e quinhentos anos mais tarde, os seus ensinamentos moldam a vida de milhões de budistas e de inúmeros outros que encontraram valor no seu modo de vida.

Antes de se tornar conhecido como o primeiro papa, Simão era um homem comum. Vivia numa pequena casa, numa pequena cidade, junto a um pequeno lago, num pequeno feudo nos limites de um império muito grande. Tinha casado com uma mulher da mesma cidade e vivia perto dos seus sogros. Como muitos dos seus vizinhos, ganhava a vida como pescador. Passava muitas noites no lago com o seu irmão, André, à procura de peixe. No sétimo dia da semana, como mandava a lei de Deus, descansava e ia ao culto na sinagoga local.

Tinha uma profissão estável, uma família e uma comunidade. Não era uma vida extravagante, mas uma vida respeitável, cheia de bondade comum. Até que duas palavras viraram tudo de pernas para o ar.

«Vem, segue-me.» Jesus, o novo mestre de Nazaré, parou na praia e chamou Simão e André. Normalmente, isto seria uma conversa de loucos. Quem é que se aproxima de dois homens a trabalhar e lhes diz para largarem tudo e o seguirem? Mas Jesus falou com uma autoridade surpreendente. Dizia-se na cidade que a sua pregação era verdadeira, que as suas palavras tinham poder, que aconteciam coisas espantosas quando ele estava presente.

Por alguma razão desconhecida, Simão seguiu-o. Durante três anos, ouviu e tentou compreender. Atónito, assistiu a milagre atrás de milagre. Aprendeu a chamar a este homem não apenas «mestre», mas

«Senhor». E este Senhor, por sua vez, deu-lhe um novo nome: Pedro, que significa «rocha». Mas, uma e outra vez, Pedro não conseguiu estar à altura do seu nome. Não entendeu bem, foi demasiado zeloso e, quando foi mais necessário, perdeu a coragem: quando as autoridades prenderam Jesus, Pedro negou conhecê-lo. Assistiu, impotente, à crucificação do seu Senhor pelos soldados imperiais. Tudo se teria perdido, toda a sua devoção teria sido vã. Exceto quando, ao terceiro dia, surpreendentemente, encontrou o seu Senhor ressuscitado dos mortos.

A partir de então, toda a vida de Pedro foi dedicada a viver como Jesus lhe ordenara e a espalhar as boas novas sobre ele. Durante anos, liderou a crescente comunidade de devotos. Poucos pescadores se afastavam mais de casa do que uma peregrinação de cem quilómetros até Jerusalém. A missão de Pedro levou-o à Síria, à Grécia e até à capital imperial, Roma. Acabou por o levar à morte. Segundo a tradição cristã, Pedro foi crucificado em Roma. Diz-se que insistiu em ser pendurado de cabeça para baixo, porque não era digno da honra de morrer da mesma forma que o seu Senhor.

Antes de ser a heroína do movimento antilinchamento e um ícone da libertação dos negros e das mulheres, Ida B. Wells era uma jovem mulher que construíra uma vida no meio de circunstâncias difíceis. Nascida escrava no Mississípi e libertada em criança pela Proclamação de Emancipação, Ida B. Wells perdeu os pais e o irmão mais novo numa epidemia de febre-amarela quando tinha dezasseis anos. Para se sustentar a si própria e aos irmãos sobreviventes, arranjou emprego como professora. Aos vinte anos, tinha poupado dinheiro suficiente para comprar um terço das ações de um jornal em ascensão, o *Free Speech*, e iniciar uma carreira jornalística. As coisas estavam a correr bem. Até que uma injustiça horrível, mas demasiado previsível, mudou tudo.

Em 9 de março de 1892, Thomas Moss, Calvin McDowell e William «Henry» Stewart foram linchados nos arredores da cidade de Memphis. O crime tocou pessoalmente Wells: ela era madrinha da filha de Moss, Maurine.

A experiência fez com que Wells percebesse que tinha sido enganada com uma mentira: «Tal como muitas outras pessoas que tinham lido sobre linchamentos no Sul, eu tinha aceitado a ideia que se pretendia transmitir – que, embora os linchamentos fossem irregulares e contrários à lei e à ordem, a raiva irracional pelo terrível crime de violação tinha levado ao linchamento; que talvez o animal merecesse a morte de qualquer forma e que a multidão tinha justificação para lhe tirar a vida.» Mas Wells conhecia Moss, McDowell e Stewart. Eles «não tinham cometido nenhum crime contra mulheres brancas». De repente, ela viu que o linchamento era realmente «uma desculpa para se livrar de pretos que iam adquirindo riqueza e propriedades e assim manter a raça aterrorizada». Poucas pessoas na sua época diriam essa verdade com tanta clareza.

Quando Wells o disse claramente na imprensa, «um comité de cidadãos importantes» (ou seja, uma multidão de vigilantes brancos) saqueou os escritórios do *Free Speech* e deixou uma nota «dizendo que qualquer pessoa que tentasse publicar o jornal novamente seria punida com a morte». Wells perdeu o jornal, mas manteve-se firme na sua missão de dizer a verdade sobre os linchamentos a um mundo que muitas vezes não queria ouvir.

Ela pesquisou cuidadosamente os linchamentos nos Estados Unidos e publicou as suas descobertas em panfletos de grande circulação. Deu palestras em todo o Norte dos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Influenciou a fundação da National Association for the Advancement of Colored People (NAACP). Wells também trabalhou incansavelmente pelos direitos das mulheres, ajudando a criar o Alpha Suffrage Club e a National Association of Colored Women's Clubs (NACWC). Em 2020, Wells foi homenageada a título póstumo com uma menção especial do Prémio Pulitzer. Milhões de pessoas beneficiaram do seu trabalho incansável e do seu compromisso infalível com a verdade.

A Questão

Gautama Buda: o príncipe privilegiado que se tornou o venerável fundador de uma das maiores tradições do mundo. Simão Pedro: o falível seguidor de Jesus que se tornou o rochedo sobre o qual a igreja cristã foi construída. Ida B. Wells: a professora estável que se tornou o ícone da libertação dos negros e das mulheres. Três pessoas muito diferentes com vidas muito diferentes. O que as suas histórias partilham é uma experiência que pôs em causa a forma das suas vidas. O que tinha sido normal e assumido tornou-se questionável. Algo – talvez tudo – tinha de mudar.

Implícita nestas experiências está uma questão fundamental, difícil de articular. Há inúmeras formas de a tentar exprimir: O que é mais importante? O que é uma vida boa? Qual é a forma de uma vida próspera? Que tipo de vida é digna da nossa humanidade? O que é a verdadeira vida? O que é correto, verdadeiro e bom?

Nenhuma destas expressões a capta completamente. A questão que tentam articular ultrapassa-as sempre. Escapa sempre a uma definição completa. Mas isso não a torna menos real ou menos importante. Por mais difícil que seja de definir, é a Questão das nossas vidas. A Questão é sobre o valor, o bem, o mal e o mau, o significado, o propósito, os objetivos finais e os fins, a beleza, a verdade, a justiça, o que devemos uns aos outros, o que é o mundo e quem somos e como vivemos. Trata-se do êxito ou do fracasso das nossas vidas.

Seja como for, quando a Questão chega, ela ameaça (ou promete?) remodelar tudo. Nada foi igual para Siddharta depois da sua renúncia, nem para Simon depois do seu chamamento, nem para Wells depois de ter assumido a sua missão em resposta ao assassinio dos seus amigos. De uma perspetiva, as suas vidas foram destruídas. No entanto, a partir das suas próprias novas perspetivas, as suas vidas tinham sido reorientadas. É verdade que renunciaram a muita coisa. (No caso de Wells, a perda foi dupla. Aquilo de que ela abdicou veio juntar-se ao que a multidão de linchadores lhe tinha tirado.) Mas o que ganharam – transformação, uma orientação radicalmente nova para o mundo

e para o seu lugar nele, um impulso para as suas vidas – foi qualitativamente mais importante. De facto, era mais importante para eles do que as próprias vidas.

Este livro é sobre a Questão.

Vamos traçar a topografia dessa Questão, salientar alguns pontos de referência, traçar algumas fronteiras. E vamos muni-lo com alguns hábitos de reflexão especificamente adequados para enfrentar a mais consequente (e evasiva) das questões, de modo que, sempre que ela se apresente, tenha os ouvidos para a ouvir e os recursos necessários para lhe responder bem. Pense nisto como um atlas e um conjunto de ferramentas.

É certo que a leitura deste livro provavelmente não fará o trabalho dramático que uma experiência de vida importante faz. Perder amigos para a violência da supremacia branca, encontrar um professor que parece encarnar o poder e a verdade de Deus, ver de repente a profundidade do sofrimento no mundo – estes são os tipos de choques no sistema que não podem ser planeados, previstos ou fabricados por um livro.

Mas a Questão é imprevisível. Quando a verdade e o valor estão em cima da mesa, até um livro pode levar a uma mudança séria. Frederick Douglass (1818-1895) leu *The Columbian Orator* quando era um jovem escravizado e encontrou não só uma educação em retórica, mas também uma visão da liberdade e dos direitos humanos. A Questão pode aparecer quando menos esperamos. Espreita por detrás dos momentos aparentemente normais das nossas vidas, sempre pronta a virar as coisas do avesso e a colocar-nos em caminhos novos e surpreendentes.

Talvez tudo isto pareça assustador. Até mesmo esmagador. Talvez tenha um pequeno nó no estômago. Não faz mal. De facto, é bom. Se tudo isto parece estar um pouco acima do seu nível, significa apenas que compreende o que está em jogo. A boa notícia é que não está sozinho.

Encontrar alguns amigos

O pensador e romancista cristão C. S. Lewis (1898-1963) faz uma distinção entre meros *companheiros* e verdadeiros *amigos*. Com os nossos companheiros, partilhamos alguma atividade comum, quer seja uma religião, uma profissão, uma área de estudo ou apenas um passatempo favorito. Isso é muito bom, mas não é *amizade* no sentido que Lewis dá ao termo. A amizade requer algo mais: uma *questão* partilhada. Aquele «que concorda connosco que uma questão, pouco considerada pelos outros, é de grande importância», diz ele, «pode ser nosso Amigo. [Eles] não precisam de concordar connosco sobre a resposta».

A questão é demasiado grande para que cada um de nós a resolva sozinho. *Precisamos* de amigos que a procurem connosco. Portanto, aqui vai um convite: para os propósitos deste livro, vamos ser amigos. A Questão é de grande importância para nós. Preocupamo-nos profundamente com ela. E convidamo-lo a fazer o mesmo. Não precisamos de concordar com uma resposta.

Uma das grandes vantagens dos amigos é que, muitas vezes, nos apresentam a outras pessoas – pessoas que começam por ser amigas deles, mas que, com o tempo, se tornam também nossas amigas.

Desde 2014, nós os três damos um curso no Yale College chamado Vida Que Vale a Pena Viver. Ao longo dos anos, mais de uma dúzia de colegas lecionaram connosco e centenas de alunos participaram. Reunimos pequenos grupos de cerca de quinze alunos à volta de mesas de seminário e dedicamos o nosso tempo em conjunto à Questão. Em cada aula, lemos textos de um punhado de pessoas das principais tradições religiosas e filosóficas para nos ajudar a orientar a nossa conversa. Facilitámos conversas semelhantes com grupos de adultos a meio e em fim de carreira e com um grupo de homens encarcerados numa prisão federal. Em cada contexto, tratamos a Vida Que Vale a Pena Viver como uma longa conversa entre amigos contemporâneos, com a ajuda de amigos extraordinariamente perspicazes do passado.

É isso que faremos nas próximas páginas. À medida que a oportunidade surgir, traremos para a mesa algumas das pessoas de todo

o mundo que ao longo da história refletiram profundamente sobre a Questão. Deixá-las-emos falar e veremos o que nos podem ensinar sobre o que é mais importante e porquê.

Voltaremos a ouvir falar de Buda e de outras figuras importantes das tradições religiosas e filosóficas (Abraão, Confúcio, Jesus, etc.), mas também de pessoas menos conhecidas que seguiram uma destas tradições e até de alguns dos nossos contemporâneos. Pense neste livro como uma mesa de seminário que quebra as regras do tempo e do espaço. E, de alguma forma, todos nós conseguimos um lugar junto dos mais espertos. Tal como dizemos aos nossos alunos de Yale, quanto mais se concentrarem em ouvir o que os vossos amigos à volta da mesa dizem, mais vão tirar partido da experiência.

Antes de avançarmos, vamos fazer quatro advertências rápidas. Caso contrário, a abordagem da mesa de seminário pode levar a alguns mal-entendidos bastante graves.

1. A maior parte do tempo neste livro, estaremos a descrever o que as outras pessoas pensam. Quando o fizermos, tentaremos fazê-lo bem. Tentaremos tornar essas perspectivas tão convincentes quanto possível. Mas não serão as *nossas* perspectivas. Nem tudo o que dizemos aqui é algo em que nós próprios acreditamos. Ao ler, preste atenção se estamos a representar os nossos pontos de vista ou a descrever o que outra pessoa pensa. Isso não só evitará mal-entendidos, como também o ajudará a apreciar a conversa dinâmica entre diversas perspectivas que estamos a tentar promover. Dito isto, é importante que saiba que não somos uma espécie de guias turísticos neutros da Vida Boa. Ninguém se debruça sobre a Questão a partir do nada. Estamos todos contextualizados e todos temos os nossos próprios compromissos. Por isso, como fazemos logo de início na nossa aula, deixem-nos dizer-vos brevemente de onde vimos. Nós os três somos cristãos. Mais especificamente, somos teólogos cristãos (o que significa que o nosso trabalho é pensar sobre a fé cristã) que vivem e trabalham nos Estados Unidos. Tentámos o nosso melhor (por razões

especificamente cristãs) para sermos imparciais no tratamento de todas as vozes à volta da mesa. Tentámos não viciar o baralho de forma dissimulada. Mas seria traiçoeiro da minha parte não vos dizer, pelo menos, de onde vimos e deixar-vos fazer o que quiserem com essa informação.

2. Quando trazemos pessoas para a mesa, não estamos a supor que elas possam falar em nome de religiões ou escolas filosóficas inteiras. Não há forma de resumir ou condensar o que são muitas vezes milhares de anos de belas tradições em poucas páginas. Ou mesmo alguns livros. Não pretendemos que saia deste livro a pensar que agora compreende o confucionismo, o utilitarismo ou o judaísmo. Em vez disso, esperamos que saia com a ideia de que encontrou algumas coisas importantes que determinadas pessoas dessas tradições disseram e fizeram. E se um ou mais dos amigos à volta da mesa lhe interessarem realmente, vá saber mais sobre eles. (Dizemos o mesmo aos nossos alunos de Yale no primeiro dia de aulas.)
3. Não partam do princípio de que todas as pessoas que trouxemos para a mesa concordam basicamente umas com as outras nas coisas realmente importantes. Pode ser tentador pensar assim, especialmente para aqueles de nós que se preocupam com o facto de os desacordos religiosos e ideológicos conduzirem aos conflitos sociais, culturais e políticos dos nossos dias. Um núcleo universal com o qual todos concordam parece oferecer uma saída. Mas tal coisa não existe. Aqui, a metáfora da mesa de seminário é útil. Os professores de Humanidades não vão para as suas salas de aula partindo do princípio de que os alunos já pensam todos da mesma maneira. Ou que vão pensar a mesma coisa no final da aula, já agora. O desacordo duradouro está incorporado no formato.
4. Também está incluído no formato do seminário o facto de alguém fazer inevitavelmente o último comentário numa determinada

conversa – mas isso não significa que tenha decidido a questão. Significa apenas que a aula terminou. O mesmo acontece com a nossa mesa de seminário imaginada. Alguém tem de ser o último, mas isso não significa que tenha dado a melhor resposta ou a resposta final. O facto de terminarmos um capítulo com um determinado ponto de vista não significa que seja o correto ou mesmo o que pensamos ser o correto.

OK. Já chega de limpar a garganta. Vamos lá a isto.

Pre-pós-te-ro

Acontece que cada um de nós, autores, tem uma filha. Quando a do Ryan tinha seis anos, estava a aprender a ler e chegou ao ponto de experimentar palavras grandes. Palavras como *prepóstero*.

Na altura, quando os seus olhinhos de seis anos olhavam para PRE-PÓSTERO, viam uma sequência de letras impronunciável, ilegível e efetivamente interminável. Tudo nela lhe dizia para atirar a toalha ao chão. Exceto que, quando se é grande a ler *O Livro Sem Bonecos* ao irmão mais novo, não se desiste simplesmente e entrega-se o livro ao pai. Afinal de contas, isto é um assunto sério.

O truque, aprendeu ela, é pegar naquela grande e assustadora sequência de letras e dividi-la em pedaços mais manuseáveis: PRE-PÓS-TE-RO. E agora sim, *eis* uma montanha fonética que se pode escalar.

A Questão, já dissemos, é assustadoramente grande. É ridiculamente grande. É o tipo de pergunta que pode tentar-nos a desistir. Só que, quando somos o gráudo responsável pela forma da nossa vida, não podemos simplesmente desistir e entregar a nossa vida a outra pessoa. Este é um assunto verdadeiramente sério.

Gostaríamos de sugerir aqui o mesmo truque que a filha do Ryan usou com *prepóstero*: pegar na grande e assustadora Questão e dividi-la em partes pelo menos um pouco mais manuseáveis. Tal como acontece com a fonética, também acontece com a reflexão sobre o que é mais

importante – mais ou menos. Neste caso, as partes mais fáceis de manusear não são sílabas. São subquestões um pouco mais pequenas e mais focadas, que abordam aspetos individuais de uma Questão absurdamente grande.

Esta é a abordagem que adotámos com o nosso curso Vida Que Vale a Pena Viver. Funciona. Os alunos chegam sem saber como começar a fazer a Questão ou mesmo sem saber que há uma Questão a fazer. Certamente não sabem como *responder*. Saem com um conjunto de ferramentas que os ajuda a voltar à questão vezes sem conta, com mais confiança e com mais hipóteses de obter boas respostas.

Utilizaremos a mesma abordagem aqui. Em cada capítulo do livro, abordamos uma das subquestões. Apresentamos a subquestão específica, vemos quem levanta a mão para dar uma resposta e, em seguida, expomos os riscos de responder de diferentes maneiras.

O que estes capítulos não farão é responder às subquestões por si. Essa é a sua tarefa. Embora seja importante ter amigos ao seu lado nesta busca, no fim de contas, só você pode responder à Questão, ou mesmo às suas subquestões mais fáceis de gerir, por si próprio.

Só você

Quão livres somos para moldar as nossas vidas? E qual é o grau de responsabilidade que temos por elas?

No início do jogo de cartas batalha, recebe uma mão aleatória de cartas. Tal como toda a gente na mesa. Não sabe quais são as suas cartas e também não pode ver as dos outros jogadores. Cada jogador vira a carta do topo do seu baralho. O jogador que virar a mais alta ganha todas as cartas que foram viradas e coloca-as no fundo do baralho. Se dois ou mais jogadores empatarem no que respeita à carta mais alta, cada um deles vira outra... e outra... e outra... até que um deles mostre uma carta mais alta.

O jogo continua – inexoravelmente, sem piedade – até que um jogador fique com todas as cartas.

Na batalha não há decisões. Há apenas um procedimento. Qualquer máquina capaz de reconhecer as cartas mais altas e as mais baixas pode jogar o jogo tão bem como um humano. Ninguém é responsável pelo resultado do jogo.

No início de uma ronda de póquer, tal como na batalha, é-lhe dada uma mão aleatória de cartas. E o mesmo acontece com toda a gente na mesa. Não se pode ver as mãos dos outros jogadores. Mas neste jogo *pode* ver a sua própria mão. À medida que o jogo avança, os jogadores fazem apostas e as cartas são viradas para que todos os jogadores as combinem com as cartas que têm nas mãos. O objetivo é construir a mão mais forte com cinco cartas.

Existem regras que dizem quais são as mãos mais fortes. E há regras sobre como se pode responder em cada momento da ronda. Poderá haver limites quanto à quantidade ou frequência com que pode apostar. Não pode certamente passar por cima das cartas dos outros jogadores. Ou baralhar as cartas ao acaso. Esse tipo de coisas.

Quando se joga póquer, não se tem o controlo total. Não escolhe as suas cartas. Ou as cartas dos seus adversários. Ou como os seus adversários apostam. Ou como eles respondem às suas apostas. Ou as regras do jogo. A maior parte das coisas está fora do seu controlo.

Mesmo assim, é responsável pela forma como joga a sua mão. Não pode determinar o resultado. Isso depende sempre do acaso e da forma como os outros jogadores atuam. Mas também não está alheio ao resultado. O desfecho das coisas depende em parte do que faz com as situações que lhe são dadas. É um participante. E responde pela forma como participa.

Parece que a batalha e o póquer contrastam fortemente. Na batalha, parece não haver escolhas nem responsabilidade, ao passo que no póquer há algumas escolhas limitadas e alguma responsabilidade real. Mas o que se passa é o seguinte: mesmo quando jogamos à batalha, temos um certo tipo de responsabilidade. Nem sequer somos parcialmente responsáveis pelo resultado, claro. Mas somos responsáveis pela forma como jogamos. Será que vai ser gentil com a criança que está a divertir-se à grande do outro lado da mesa? Ou vai ressentir-se por

ela o ter arrastado para este inferno determinista? Irá respeitar as regras? Ou mudará sorratamente de lugar para obter a melhor mão enquanto o seu adversário está a comer um lanche? (Um de nós tentou isto quando tinha quatro anos. Não resultou.)

A vida é mais parecida com o póquer ou mais parecida com a batalha? Que margem de manobra é que as «regras» da vida nos dão? É difícil de dizer. Há argumentos sérios de ambos os lados. Mas, independentemente do ponto do espectro entre o póquer e a batalha em que se situa a verdade, há dois pontos importantes. Em primeiro lugar, você tem *alguma* responsabilidade pela forma da sua vida. (A forma da sua vida inclui tanto as suas vitórias e derrotas como o modo como joga o jogo.) Segundo, essa responsabilidade não é ilimitada. É limitada. Não pôde escolher onde nasceu. Um mundo enorme, estupidamente complicado, está sempre a moldar as situações em que se encontra. E não é você que determina os resultados. (A genica de braços e a coragem não garantem o sucesso. Isso é uma ficção americana. E uma ficção prejudicial, ainda por cima.)

Nem mesmo *quem* é depende inteiramente de si. Toda a gente passa por coisas que nos moldam de uma forma que não gostariam se pudessem escolher. Em aspetos realmente importantes, damos por nós simplesmente a ser quem somos.

Não é um ditador onnipotente. Não dá as ordens todas. Isso é suficientemente claro.

Mas, voltando ao primeiro ponto, também não é uma rocha. Uma pedra não reage se alguém a pegar, a cinzelar um pouco e a colocar no chão como parte de um caminho de jardim. Responde, de forma limitada, mas muito real, ao que acontece consigo e à sua volta. Joga a sua mão.

Também não é um hámster. Um hámster reage se alguém lhe pegar. Pode até haver um sentido em que ele decide como reagir. Mas um hámster não pode perguntar como deve reagir. Você pode. E porque pode, é responsável por responder ou não.

Mesmo aqui há limitações. Os antigos maias não podiam simplesmente decidir que o conhecimento ou seguir Jesus ou procurar a justiça

racial era o verdadeiro objetivo da vida, o que deviam procurar. Essas nem sequer eram possibilidades verdadeiramente imagináveis para eles. Mas a responsabilidade aqui é real, no entanto. O facto de haver um caminho normal a seguir não significa que não seja responsável por segui-lo ou não. O facto de existir uma visão normalizada da vida boa para alguém como você não significa que não seja responsável por fazê-la ou não sua.

Esta é a forma mais fundamental da responsabilidade limitada que caracteriza a sua vida. É a responsabilidade de discernir, da melhor forma possível, que tipo de vida valeria realmente a pena procurar – a responsabilidade de ver a Questão e responder-lhe.

É tão mau quanto pensa que é (e isso é bom)

Sem dúvida, a frase preferida de Jesus de Nazaré nos nossos dias é «Não julgueis, para que não sejais julgado», até porque alguns cristãos contemporâneos estão angustiantemente ansiosos por julgar os outros. Recuamos perante o julgamento – especialmente o julgamento de toda a nossa vida. O nosso maior receio quando alguém julga uma parte da nossa vida é que esteja a julgar o todo.

Este livro afirma que os nossos maiores receios são verdadeiros. As nossas vidas – não apenas um ou outro aspeto, mas a sua totalidade – estão sujeitas a julgamento. Quem pode julgar e com que critérios – estas são questões importantes. Iremos abordá-las nas páginas que se seguem. Mas começamos com a ideia de que a nossa vida como um todo pode ter sucesso ou falhar. Algumas das coisas que fazemos e deixamos por fazer indicam sucessos e fracassos não apenas num ou noutro aspeto da vida, mas na nossa própria humanidade.

Mas este livro também afirma que é de facto bom que as nossas vidas tenham este tipo de apostas. O significado e a riqueza da vida tal como a conhecemos e vivemos, aqui e agora, advêm em parte da sua seriedade. Um jogo do campeonato tem mais significado do que um jogo

amigável não planeado, porque há mais em jogo. Mais fundamentalmente ainda, o peso das nossas vidas advém da impossibilidade da sua substituíbilidade. Na maior parte dos casos, só temos uma vida para viver. Na maioria dos casos, não há nada mais precioso do que a vida. Ter sucesso ou falhar em relação ao conjunto das nossas vidas é a coisa mais importante que podemos fazer.

Acima de tudo um arquiteto

Albert Speer (1905-1981) era um jovem inteligente e um arquiteto brilhante. Quando Hitler lhe ofereceu o cargo de arquiteto-chefe do Partido Nazi, tinha menos de trinta anos. Achou a oferta impossível de recusar. Ele era, como disse, «acima de tudo um arquiteto». E Hitler ofereceu-lhe a oportunidade de «projetar edifícios como não se viam há dois mil anos. Teria de se ser moralmente muito estoico para rejeitar a proposta», escreveu anos mais tarde. «Mas eu não era nada disso.»

Por isso, aceitou. E depois participou (mais do que alguma vez admitiu) em alguns dos crimes mais graves da história. Serviu o esforço de guerra alemão, utilizou trabalho escravo, facilitou o Holocausto. E, entretanto, desenhou, de facto, edifícios espetaculares.

Há uma certa grandeza em Albert Speer. Está no facto de ele ter sido «acima de tudo um arquiteto». Essa dedicação singular à sua carreira fez dele um arquiteto exceccionalmente *bom*. Mas essa grandeza também contém a monstruosidade da sua vida, porque essa mesma devoção singular também fez dele um ser humano exceccionalmente *mau*.

É possível ter sucesso nas nossas aspirações mais elevadas e, no entanto, falhar como seres humanos.

Parte da beleza da nossa humanidade é o facto de sermos capazes de colocar a Questão e de lhe dar respostas nas nossas vidas. Esta capacidade torna possível tanto a bondade como a corrupção da nossa humanidade, tanto a verdade como a falsidade das nossas vidas.

Talvez muito poucos de nós venham a enfrentar o tipo de fracasso catastrófico que Speer exemplifica. Talvez não sejamos confrontados

com a questão de saber se para a realização das nossas ambições pessoais vale a pena colaborar em crimes contra a humanidade. E talvez, por isso, escapemos à terrível resposta afirmativa de Speer. Ou talvez fiquemos aquém da nossa humanidade simplesmente por não aspirarmos a nada de especial. Mas cada um de nós tem de responder pela forma da sua vida, de uma maneira ou de outra. Será suficiente apostar que, se não conseguirmos viver uma vida digna da nossa humanidade, o falhanço será, pelo menos, modesto? Ou será que, em vez disso, podemos abraçar a Questão, dedicar-nos a responder-lhe o melhor possível e procurar tornarmo-nos pessoas que possam dizer honestamente não «fui acima de tudo um arquiteto», mas «fui acima de tudo um ser humano»?

Como ler este livro

Esperamos que esteja convencido de que vale a pena investir muito tempo e energia a debater-se com a Questão. Desafios tão importantes como a forma das nossas vidas exigem uma reflexão séria. Dito isto, é importante fazer uma distinção: debater-se seriamente com a Questão é uma coisa e fazer isso através da leitura, escrita e tempo dedicado à reflexão é outra. Reconhecemos que nem todos têm a oportunidade de refletir sobre a Questão da forma específica para a qual o convidamos. As desigualdades sistémicas e as condições existentes podem tornar isso impossível. Ao longo da história, a maioria das pessoas tem perguntado o que importa e porquê, o que significa prosperar, que tipo de vida vale a pena ser vivida. E a maior parte delas fê-lo sem se basear na leitura de livros e na escrita dos seus pensamentos. Muitos fizeram-no no meio de fadigas e dificuldades. Milhões ainda hoje o fazem.

Há também milhões de pessoas que não são capazes de lidar com a questão cognitivamente devido a deficiências intelectuais e outras limitações. De facto, todos nós fomos incapazes de o fazer quando éramos muito jovens. E muitos de nós veremos a nossa capacidade para

este tipo de reflexão radicalmente transformada pela demência. Não há maior questão humana do que a Questão, mas isso não significa que só se é humano se se for capaz de lutar com ela.

Tudo isto significa que há um certo privilégio no facto de estar aqui a ler estas páginas: neste momento, tem capacidades e oportunidades que nem todos têm. Encorajamo-lo a levar este privilégio a sério e a utilizá-lo bem. Aqui ficam algumas recomendações para o fazer enquanto lê este livro:

1. Ler os capítulos por ordem. As cinco partes do livro seguem uma progressão e os capítulos individuais desenvolvem-se uns sobre os outros. É provável que tire o máximo partido da experiência se seguir este caminho, em vez de saltar para a frente e para trás com base nas perguntas que mais lhe interessam. Dividimos a Questão em partes um pouco mais fáceis de gerir, mas isso não significa que seja apenas um saco mistério de surpresas.
2. Encontre um ritmo que funcione para si. Pode ser que beneficie em ir devagar. Mas também é possível que encontre um ritmo e queira ler um capítulo após o outro numa sucessão rápida. Qualquer uma das abordagens pode ser ótima! A nossa única advertência é que não há muito a ganhar se correr do princípio ao fim e depois deixar o livro para trás. A Questão não é um item de uma lista de afazeres. Não podemos simplesmente riscá-la e seguir em frente. Por isso, seja qual for o seu ritmo, dê a si próprio algum espaço para se sentar com as questões e afirmações que encontra. Não é vergonha nenhuma ler um parágrafo, uma página ou um capítulo duas vezes.
3. Pense em escrever enquanto lê. Isso ajudá-lo-á a envolver-se ativamente com as questões e as vozes que vamos considerar. Não importa onde escreve. Escreva por todo o livro se quiser (a não ser que seja um exemplar da biblioteca, claro). Ficáramos honrados. Como académicos que somos, somos grandes fãs de

sublinhar, destacar e escrever notas nas margens. Ou pode querer pegar num caderno ou num diário para ter mais espaço para expressar os seus pensamentos.

4. Oferecemos uma secção no final de cada capítulo chamada «A sua vez». Encontrará aí sugestões e perguntas para o ajudar a organizar a sua reflexão. Estas oferecem-lhe a oportunidade de elaborar as suas próprias reações, pensamentos e convicções. Mas também podem ser sementes para conversas enriquecedoras com outras pessoas. O que nos leva a outra recomendação...
5. Fale com as pessoas sobre os pensamentos que lhe surgem durante a leitura. A Questão será melhor considerada em diálogo, tanto com pessoas com quem concorda como com quem não concorda. Para ser claro: o objetivo não é falar sobre este livro. O objetivo é falar sobre as questões e ideias (e, em última análise, formas de viver) que o livro discute. Dito isto, pode ser verdadeiramente maravilhoso ter uma comunidade consistente de pessoas a refletir sobre as mesmas questões durante um período de tempo específico. Se isso lhe parece interessante, pense em formar um grupo de leitura e reunir-se (*online* ou pessoalmente) para conversas regulares. Criámos alguns recursos para grupos de discussão de livros. Pode encontrá-los em lifeworthlivingbook.com.
6. Por fim, dê a si próprio alguma folga. Enfatizámos os desafios e a importância da Questão. São reais e verdadeiros, e é importante enfatizá-los porque é muito fácil não ver a Questão por inteiro. Mas também é importante não colocar demasiada pressão sobre nós próprios. Ler um livro não vai «responder-nos» à Questão. Não é para isso que serve ler este livro (ou escrevê-lo, já agora). Em vez disso, pretende-se que seja parte de um processo que dura toda a vida. (Como autores, cada um de nós descobriu que as nossas respostas à Questão foram desafiadas e aperfeiçoadas mais uma vez no processo de escrita.) Esperamos

que este livro lhe ofereça algo mais duradouro do que uma resposta. Esperamos que o ajude a compreender melhor a Questão e as subquestões ao longo do caminho. Se sair de lá capaz de fazer e de lutar com formas mais precisas, mais ricas e mais profundas destas questões, isso é suficiente. A razão pela qual é suficiente é que estamos a tentar construir hábitos de reflexão em conjunto, juntamente com competências e capacidades que tornam o trabalho sério de debater a Questão mais exequível. Por fim, esperamos que saia com alguma matéria-prima básica que, com o tempo, possa ser trabalhada numa resposta mais sólida e convincente à Questão. Portanto, para reiterar: o objetivo não é acabar de pensar na Questão. O que é verdadeiramente importante é começar. Vamos a isso.